

Dora Kramer\*

BC oferece saída à francesa ao TCU

O desfecho da reunião entre o Banco Central e o Tribunal de Contas da União, relatado por Vital do Rêgo Filho, deixou a nítida impressão de que o BC deu ao TCU a chance de sair de uma confusão em que nunca deveria ter entrado.

Uma saída mais ou menos honrosa: ficou combinada uma inspeção supervisionada que em nada muda a decisão técnica da liquidação do Banco Master, mas serve para o órgão auxiliar do Poder Legislativo reduzir os danos provocados pelo esquisito afã do ministro relator, Jhonatan de Jesus, em questionar o BC.

O presidente do TCU bem que tentou dar um nó em pingo d'água em suas explicações. Ressaltou o espírito de colaboração entre as duas instâncias, mas escorregou ao dizer que a atuação do tribunal conferia segurança jurídica, “um selo de qualidade”, ao Banco Central.

Considerando que a autoridade monetária não precisa disso para decretar o fim das atividades de instituições financeiras que infrinjam as regras de mercado e prejudiquem investidores, a alegação expôs o caráter meramente protocolar do encontro. Extraordinariamente

rápido -45 minutos- para tema tão complexo, se análise de fato houvesse.

A ideia foi selar a paz onde nunca deveria ter havido sinal de guerra e dar uma demão de veniz na imagem do TCU, arranhada com a adesão à ofensiva de ações explícitas e implícitas no intuito de aliviar de alguma forma a situação de Daniel Vorcaro.

Depois de ter ido à linha de frente, o Tribunal de Contas recuou e completará o gesto em manifestação do colegiado na próxima semana. Resta nesse obscuro ambiente o Supremo Tribunal Federal, sobre o qual recaem respingos de questionamentos às condutas dos ministros Dias Toffoli e Alexandre de Moraes.

O Congresso aparece como sujeito oculto na cena. Ali tentou-se aprovar regra de demissão de diretores do BC e aumento do dinheiro garantido aos investidores de bancos falidos. As iniciativas fracassaram, mas ainda assim seus autores deveriam ser importunados em atenção à clareza dos fatos.

\*Jornalista e comentarista de política

Arnaldo Niskier\*

Remuneração justa

Não se pode defender o uso da inteligência artificial para burlar direitos autorais de conteúdo jornalístico. Plataformas adotam IA para captar, resumir e redistribuir em grande escala textos que não produziram. A cúpula do Brics no Rio divulgou documento com foco específico em IA, classificando a tecnologia como oportunidade histórica para promover o desenvolvimento, mas ainda tem alguns problemas que precisam ser resolvidos. O documento cita a necessidade de uma remuneração justa, pelas plataformas e big techs, que detêm os direitos da produção de conteúdo.

Deseja-se evitar o uso indevido de dados. É a posição do Brics, que veio numa boa hora, quando se deseja equacionar o que se entende por uma remuneração justa. É uma forma também de se evitar os nomes de candidatos em época de eleição. Deseja-se evitar que a ferramenta seja instrumento de manipulação nas mãos poderosas de grandes milionários. Para isso se está montando um esquema forte, utilizando as estruturas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Três mil bilionários ganharam 6,5 trilhões de

dólares desde 2015. Deseja-se um sistema tributário internacional justo, inclusivo e eficiente.

Tramita no Congresso um projeto sobre a matéria, o que é natural que esteja acontecendo. Nos Estados Unidos, veículos como o “The New York Times” e “Forbes” processam big techs pelo uso indevido de reportagens em sistemas generativos. Não se pode capturar o conteúdo e se beneficiar dele.

É preciso evitar um sistema que se vale de conteúdos de futebol ou de economia, por exemplo, para obter lucros indevidos.

O fato é que, com a inteligência artificial, as consultas se tornaram mais frequentes. As respostas se tornaram mais copiosas e por isso mais completas. Os modelos de linguagens dos robôs de IA – conhecidos como large language models ou LILM só não podem ser usados de forma descuidada. Deve ser evitada a bajulação desnecessária. Isso tudo precisa ser trabalhado com seriedade.

\*Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras, Doutor Honoris Causa da Universidade Santa Úrsula

EDITORIAL

Prêmios que ajudam o novo cinema brasileiro

As conquistas de O Agente Secreto no Globo de Ouro representam mais do que o reconhecimento de um único filme: simbolizam um momento de virada para o cinema brasileiro no cenário internacional. Em uma premiação historicamente dominada por grandes estúdios e narrativas anglófonas, ver uma produção brasileira ocupar espaço de destaque é a confirmação de que nossas histórias, quando contadas com identidade, rigor artístico e ambição estética, atravessam fronteiras com força própria.

O impacto de O Agente Secreto reside justamente na combinação entre linguagem cinematográfica sofisticada e uma narrativa profundamente enraizada em dilemas brasileiros. Ao invés de recorrer a estereótipos fáceis ou tentar “traduzir” o Brasil para agradar o olhar estrangeiro, o filme aposta na complexidade de seus personagens, na ambiguidade moral e em uma atmosfera que dialoga com o thriller político internacional sem perder sua alma local. Esse equilíbrio é raro e, por isso mesmo, tão valioso.

O reconhecimento no Globo de Ouro também funciona como um gesto simbólico de reparação. Durante anos, o cinema brasileiro enfrentou descontinuidade de políticas públicas, crises de financiamento e um discurso interno

que frequentemente subestimava sua própria relevância. Ainda assim, cineastas, roteiristas, técnicos e atores seguiram produzindo, muitas vezes à margem, sustentados mais pela convicção artística do que por garantias institucionais. Quando um filme como O Agente Secreto alcança visibilidade global, ele carrega consigo todo esse esforço coletivo invisibilizado.

Mais do que um prêmio, esse momento sinaliza um ressurgimento. Não se trata de um retorno nostálgico aos tempos de maior projeção internacional, mas de uma nova fase, marcada por diversidade de vozes, coproduções estratégicas e uma geração que compreende o cinema como linguagem global sem abrir mão de sua perspectiva local. O mundo parece novamente disposto a ouvir o que o Brasil tem a dizer. O país, por sua vez, começa a acreditar outra vez na potência de seu próprio cinema.

Se o Globo de Ouro abre portas, o desafio agora é atravessá-las com continuidade. Que O Agente Secreto não seja uma exceção celebrada, mas parte de um movimento duradouro. O cinema brasileiro não ressurgiu apenas porque foi premiado; ele ressurgiu porque nunca deixou de existir. O prêmio apenas lembrou ao mundo e aos brasileiros dessa evidência.


Opinião do leitor

Cinema

Wagner Moura e o Agente Secreto fazem história no Globo de Ouro e enchem o Brasil de orgulho. É o cinema brasileiro no topo! Que emoção!

José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: INGLÊS DEVE ORGANIZAR AS FINANÇAS BRASILEIRAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de janeiro de 1931 foram: Esquadilha Balbo se prepara ao voo rumo à Bahia. Família Real Britânica de luto com a morte da princesa Luiza Vitória. Chan-

celer Bruening promete resolver a questão agrária na Alemanha. Governo brasileiro convida Sir Otto Niemeyer, do Banco da Inglaterra, para organizar as finanças do país.

HÁ 75 ANOS: BRASIL PAGA PRIMEIRA PARCELA DOS CRUZADORES DOS EUA

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de janeiro de 1951 foram: Enquanto as tropas chinesas e da ONU ficam a mercê do tempo, diplomatas buscam acordos de paz no Conselho de Segurança.

Questão do armamento pesa no Tratado de Paz do Japão. Itamarathy divulga cronograma da solenidade de posse de Vargas na presidência do Brasil. País paga primeira parcela dos cruzadores dos EUA.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)  
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thilago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132  
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.